

Soleone

para longe da costa



Max Gorissen

Índice

Sinopse	03
Capítulo 1	04
Epílogo	37
Sobre o autor Max Gorissen	40
Coordenadas geográficas dos locais mencionados no texto	41
Glossário de termos náuticos	41

Soleone, para longe da costa

Autor: Maximilian Immo Orm Gorissen (Max Gorissen)

Data da primeira edição: 15/05/2018

Ilustração de capa/ foto: Maximilian Immo Orm Gorissen

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Todos os direitos desta edição são reservados ao autor. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão do proprietário dos direitos.

Esta edição é publicada pela SailBrasil Magazine, somente em formato digital e distribuída através do site www.sailbrasil.com.br sob licença do seu autor.

Sinopse

Após um ano de estágio estressante, Daniel finalmente perde o controle.

Morando em São Paulo, ele tem trabalhado em dois empregos na tentativa de pagar por um estilo de vida que não pode bancar e impressionar chefes que não estão nem aí com ele.

Após um ataque de ansiedade, pedem que ele tire umas férias até que esteja bem de saúde para voltar.

Sua melhor amiga, Julia, oferece o veleiro de seu pai para ele descansar e se recuperar. O veleiro fica apoitado a algumas horas da cidade de São Paulo, no Saco da Ribeira, em Ubatuba.

Mas o descanso de Daniel passa por uma reviravolta quando o veleiro se solta de sua poita e vai parar bem longe da segurança da costa.

Na tentativa de sair dessa enrascada, seu passado se revela, e seu futuro se define.

Capítulo 1

Sempre quis viver perto do mar, em uma pequena comunidade de pescadores onde todos se conhecem. No entanto, cresci no centro da cidade mais agitada do Brasil, São Paulo, sem nunca sequer ter viajado para uma cidade de praia.

Sei que pode parecer meio estranho um rapaz de 24 anos de idade nunca ter visitado uma cidade de praia, nunca ter entrado no mar e, sonhando em visitar uma comunidade de pescadores, nunca ter feito isso.

Na verdade, minhas amigadas, desde a infância, tinham fazenda ou sítios no interior, e era para lá que eu viajava como convidado quando tinha oportunidade. Minha família nunca teve muito dinheiro, por isso eu vivia acompanhando meus amigos em suas viagens.

Quase tive a oportunidade de passar um final de semana na praia com uma antiga namorada, a Julia. Mas terminamos um dia antes por algum motivo banal e acabei não indo... Não consigo lembrar o motivo da briga... Alguma coisa de adolescente... O bom é que, mesmo tendo terminado o namoro, por incrível que possa parecer, ela virou uma de minhas melhores amigas.

Mesmo assim, sempre me agradou a ideia de andar na praia descalço, só de sunga, sem os barulhos da cidade, ouvindo apenas o ruído do mar. Sempre acalentei a ideia de caminhar até um bar da praia e pedir um prato de fruto do mar, rodeado de pessoas que se conhecem, se cumprimentam e conversam. Costumava imaginar como seria estar sentado no bar, cumprimentando os “locais” enquanto passeiam... Eu perguntaria: “Olá João, como foi a pesca nesta manhã?”, e ele pararia para contar sua experiência naquele dia e perguntaria qualquer coisa sobre meu trabalho naquele momento...

Mas eu sabia que esse desejo era influenciado por algum filme a que assisti na TV, na infância, ou pelas experiências contadas por Julia quando voltava de suas férias na praia. Eu sabia que, se puxasse conversa na praia, a maioria das pessoas provavelmente nem me olharia, como em São Paulo, e continuaria andando de cara fechada e aborrecida.

Além disso, como em São Paulo, nem me passaria pela cabeça perguntar a um estranho sobre seu dia... Acabei ficando tão apreensivo em interagir com pessoas mal-humoradas, e já estou tão acostumado a cara feia, que não pergunto nem mesmo aos meus amigos. Por que seria diferente a reação das pessoas em uma cidadezinha de praia? Se nunca falo com ninguém em São Paulo, por que falaria com alguém em uma cidade de praia?

Mesmo assim, isso era algo com que eu sonhava... Quem sabe um dia, se eu mudasse para uma

cidade perto do mar, talvez depois de me aposentar, eu poderia realizar meu sonho.

Capítulo 2

Bem, acabei tendo de viajar para uma pequena cidade de praia antes do esperado.

Eu tinha acabado de ser efetivado no emprego, após um rápido estágio de um ano, quando, de repente, tive de passar duas semanas em uma cidade de praia.

Não, não fui a trabalho. Ao contrário, estava lá para ficar longe do trabalho! Ordens do chefe! Não me lembro muito do que aconteceu, mas parece que tive um ataque de nervos no escritório.

Eu estava cansado. Não dormia bem há muito tempo.

No mundo de hoje, eu acreditava, principalmente em São Paulo, se você quer ter sucesso, não pode parar. Existem umas quinhentas pessoas esperando para te substituir ou roubar teu emprego.

Por esse motivo, além de uma boa formação acadêmica, eu tinha de causar permanentemente uma boa impressão em meu chefe. Mas impressionar seu chefe nos dias de hoje não é tão fácil. Não depende somente de muito trabalho, de conseguir executar e finalizar rapidamente um monte de serviço. Você tem de se esforçar fora do trabalho também.

Em São Paulo, tudo gira em torno do status que você adquire e mantém. Na minha experiência, os funcionários que conseguem se reunir com seus chefes ou outros executivos da empresa após o expediente são os que se destacam e crescem na empresa.

Os que vão almoçar com seus superiores nos restaurantes da moda são os que conseguem as melhores posições. Os que chegam ao trabalho no carro do ano parecem ser os que se dão bem. Por isso, eu pensava, teria de fazer alguns sacrifícios.

Focado em crescer na carreira, consegui alguns empréstimos e um emprego paralelo. Eu trabalhava em dois empregos para conseguir pagar meu aluguel e as prestações do carro novo. Não sobrava dinheiro; aliás, faltava.

Mesmo com todo meu esforço, meus custos começavam a pesar, e eu já estava atrasado no pagamento de alguns deles. Comecei a me endividar no cartão de crédito.

Visitei vários bancos enquanto estava com a ficha limpa para conseguir novos cartões ou nego-

ciar um aumento no limite de crédito.

Tinha certeza de que todos esses custos, empréstimos e financiamentos se resolveriam assim que meus chefes vissem meu desempenho e dedicação, e reconhecessem minha importância para a empresa. Então me dariam um belo aumento, que quitaria todas as minhas dívidas. Era tudo uma questão de tempo.

Não me entenda mal, eu sou um excelente funcionário, inteligente, bem formado, capaz, motivado e muito bom no que faço.

Só que, como todos da minha geração, acreditava ter de subir rápido na carreira. Passar 30 anos até ser presidente de uma empresa era coisa da época dos meus pais e avós.

Por isso precisava de um empurrãozinho, e os sacrifícios que estava fazendo certamente fariam isso acontecer mais rápido.

Porém as coisas não caminhavam tão rápido quanto eu esperava. Então comecei a pedir dinheiro emprestado aos amigos. “Prometo pagar no final do mês”, eu dizia.

Todo meu esforço rendeu um único happy hour com meu chefe. Só que eu estava tão exausto que adormeci no sofá enquanto ele me contava sobre a escola do filho. Acho que era sobre a escola do filho, ou sobre sua segunda esposa... não lembro bem.

O fato é que, quando acordei, ele não estava mais ali.

Pena: queria impressioná-lo com meu carro novo quando saíssemos. Havia até dado uma gorjeta ao manobrista para ele trazê-lo antes do carro do meu chefe, para que este pudesse notar com que tipo de pessoa estava se relacionando.

O estratagema não deu certo e, acredito, ninguém nunca viu meu carro novo, que custava uma fortuna por mês em prestações, seguro e estacionamento... e que eu não tinha condições de manter com o que me pagavam.

Então, um belo dia, eu surtei! Tive um ataque de ansiedade!

Capítulo 3

Como normalmente ocorre nesses casos, algo irrelevante foi a gota d'água; no meu caso, a máquina de café do escritório havia quebrado.

Explico. Perto do fim do expediente, já muito cansado, fui pegar um café para poder chegar acordado em casa e seguir para meu segundo emprego. Um dos diretores da empresa estava parado bem em frente à máquina. “Olá Daniel! Seu nome é Daniel, não é? A máquina de café está quebrada... Você poderia ir ao StarLucs lá embaixo e pegar um Vanilla Latte e um sanduíche de presunto e queijo para mim?”

Exausto como me encontrava, eu deveria ter recusado, mas concordei em buscar o lanche para meu diretor. Cheguei no StarLucs, que ficava no térreo do prédio em frente, atravessando a rua, e uma longa fila me esperava. Esperei uns 10 minutos para ser atendido. Então, tive de passar dois cartões de crédito, até que um autorizou a compra. O valor não era grande, mas o limite estava estourado. O diretor, pão-duro, não havia me dado dinheiro para pagar por seu Vanilla Latte e seu sanduíche de presunto e queijo!

Então, quando atravessava a rua de volta, não vi o rapaz na bicicleta, que me acertou em cheio. “Olhe antes de atravessar, seu idiota!”, ele gritou subindo novamente na bicicleta. Enquanto eu ouvia desconcertado seus palavrões, mesmo com o corpo dolorido, sentia o Vanilla Latte escorrer pela minha camisa... Estava todo coberto de café! O sanduíche? Foi esmagado pela roda de um carro que, inclusive, era do mesmo modelo do meu, só que de outra cor. Um rapaz da minha idade o dirigia. “Deve estar todo endividado”, pensei.

Voltei ao StarLucs, ainda pingando Vanilla Latte pelo chão, e esperei na fila novamente. Após outros 10 minutos, retirei o novo café e o outro sanduíche no balcão, e voltei ao escritório. Ao me ver, o diretor reclamou: “Porque você demorou tanto?!”

Sem responder, coloquei o Vanilla Latte e o sanduíche de presunto e queijo na mesa a sua frente. Ele olhou para os dois, balançou a cabeça, e disse: “Você demorou tanto que fui até a cozinha da presidência e peguei um café e um sanduíche... Pensei que tinha ido embora... Obrigado, mas fica para você, que eu já estou satisfeito!”

Então eu surtei! Peguei o Vanilla Latte da mesa e o joguei na parede. Destruí o pacote do sanduíche jogando tudo para o alto. Foi uma chuva de pedaços de pão, presunto e queijo em cima do diretor. Então comecei a gritar. Gritar não, urrar... Não consigo lembrar o que disse, só lembro de que, enquanto gritava, cuspiendo saliva para todo lado, minha cabeça ficou leve, minha visão perdeu o foco, meu ouvido zumbiu e tudo começou a rodar.

Então desmaiei. A última coisa de que me lembro é de ter sido levantado em uma maca e colocado no compartimento de trás de uma ambulância. Então, com uma agulha na veia ligada a uma bolsa de soro e medicamentos, preguei no sono.

Ainda meio grogue pelos calmantes do hospital, com a mente um pouco mais lúcida, percebi o

quão insana estava minha vida. O apartamento, o carro, os empregos e as noites mal dormidas tentando impressionar pessoas que não estavam a fim de ser impressionadas... Meio que adormeci pensando em tudo isso.

Na realidade, mal dormi. Acho que passei por um torpor físico e mental, no qual minha consciência parecia sair do meu corpo e então retornava, e voltava a sair... Minha mente estava lucidamente descontrolada.

No dia seguinte, já em casa, recebi uma ligação do departamento de RH da empresa, que me recomendava ficar em casa por algumas semanas até me sentir melhor. Eu não seria demitido por justa causa, pois o diretor relevou o acontecido, mas precisaria tirar uns dias de descanso antes de voltar a trabalhar.

Depois de desligar o celular, levantei da cama, me vesti e dirigi meu carro novo até a concessionária, para colocá-lo à venda. Então voltei para casa e entrei em contato com a imobiliária dizendo que não queria mais o imóvel e que, se possível, me devolvessem o depósito do adiantamento que havia feito em garantia, já que não tinha fiador... não custava tentar... não colou. Perdi o depósito como multa por quebra de contrato e como pagamento do custo de limpeza do apartamento e dos móveis que estavam incluídos no aluguel.

Uns dias depois, devolvi a chave e me mudei para o apartamento de Julia, minha melhor amiga. Seu pai havia alugado o apartamento para ela, que estudava direito, após um ano perdido fazendo faculdade de engenharia, de que ela não gostava, mas que havia prestado só para agradar o pai.

Minha ideia era “acampar” por ali até encontrar um lugar mais barato, em um bairro mais afastado, para alugar. O quarto era pequeno e tinha uma cama de solteiro que mal cabia entre as paredes. Mas era de graça. Porém eu continuava sem dormir. Aflito, ficava olhando para o teto sem conseguir fechar os olhos, imaginando a quantidade de serviço que estaria se acumulando sobre minha mesa. A pilha ia aumentando e aumentando, e eu não estava fazendo nada para diminuí-la.

Minha amiga continuava se dizendo muito preocupada comigo e com minha saúde... “Por que você não sai de férias por uns dias?”, ela perguntou.

“Com que dinheiro?”, respondi.

“Você não precisa ir a um lugar extravagante e caro... Lembra que uma vez te convidei para ir à praia? Bom, meu pai vendeu a casa, mas comprou um veleiro, que fica apoitado no Saco da Ribeira, em Ubatuba. É só a umas horas daqui... Você poderia ir de ônibus para não gastar muito, e

fazer um supermercado, para não gastar comendo fora.

No veleiro tem uma cozinha pequena, mas completa. Você pode cozinhar e descansar com o balançar do veleiro, que é uma delícia. Aposto que você vai dormir só por causa do balanço do veleiro!”

A ideia me agradava muito... Finalmente poderia conhecer o mar! Mas e se eu enjoasse? Vendo minha expressão de ansiedade, Julia logo disse: “Não se preocupe, meu pai está viajando nas duas próximas semanas, não vai ter ninguém para te incomodar. Você vai adorar!”

E anotou para mim as orientações sobre como chegar ao veleiro e onde fazer compras.

Ainda preocupado, peguei o papel de sua mão. Sabia que tinha muito por fazer em São Paulo para começar a reorganizar minha vida, mas não estava em condições de fazer nada naquele estado de ansiedade. Havia chegado ao ponto de, com 24 anos, ter um ataque de ansiedade! Se não desse um basta em tudo isso, aonde eu iria parar?

Então, no dia seguinte, peguei um ônibus e fui descansar em um veleiro no Saco da Ribeira.

Capítulo 4

Julia era minha melhor amiga e me conhecia melhor do que ninguém. Talvez melhor que meus próprios pais. Talvez melhor que eu mesmo... Nos conhecíamos desde o colegial. Éramos da mesma idade, vizinhos, estudamos na mesma escola e na mesma classe, por isso fazíamos as lições de casa juntos e brincávamos a tarde inteira.

Ela viajava com os pais todo final de semana para a casa de praia e, quando voltava, me contava tudo o que fazia enquanto estava lá. Nunca me convidaram. Meus pais não se davam muito bem com os pais dela e, já adolescentes, acho que os pais dela não queriam que nós dormíssemos sob o mesmo teto. Besteira, pois passávamos as tardes juntos e, se alguma coisa tivesse de acontecer, teria acontecido.

De qualquer maneira, sendo tão amigos e tão próximos, crescendo juntos, foi inevitável que viéssemos um dia a namorar. Demorou para que isso acontecesse... Só fomos nos beijar pela primeira vez com 17 anos. Antes disso, tivemos namoricos com outras pessoas, sem que isso influenciasse nossa amizade. Agora, recordando, posso dizer que nossos meses de namoro foram os melhores da minha vida, pois minha ansiedade, uma constante desde criança, parecia desaparecer ao estar tão perto de Julia. Eu me sentia seguro e tranquilo com ela.

Capítulo 5

Eu estava muito animado quando o ônibus parou no ponto da Ribeira.

Sendo sincero, a viagem – tirando as praias e as belas paisagens na Rodovia dos Tamoios, que corta uma linda região montanhosa com pastos, condomínios, a represa de Paraibuna e a descida da serra, com suas curvas sinuosas que acompanham o movimento do relevo da Serra do Mar, nos deliciando com rápidas visadas do mar – não é grande coisa... Toda a região de terra de Caraguatatuba e Ubatuba lembra pobreza e descaso.

É uma sucessão de bairros típicos das regiões do Brasil onde o mau gosto na arquitetura, a falta de investimento em infraestrutura e o pouco ou nenhum espaço entre os imóveis dominam a paisagem, enquanto a sensação de sujeira, com as ruas sem asfalto, o mato crescido, o lixo por toda parte, os pontos de ônibus vandalizados, as casas e prédios necessitando de pintura, os fios elétricos apilhados, a falta de meio-fio, entre tantos outros problemas, competem com a beleza das praias e do mar esverdeado a sua frente. Tirando os condomínios, que invadem e bloqueiam a vista e o acesso às praias, tudo parece descuidado e abandonado.

Desci na Ribeira, e a visão do entorno não foi diferente. Antes de ir ao veleiro, seguindo as orientações de Julia, entrei em um supermercado enorme, na “marginal interna” – se é que se pode chamar aquela rua de areia esburacada, paralela à rodovia, de marginal interna.

O supermercado, nada além de um galpão enorme, feio e mal iluminado, com altas prateleiras de metal paralelas, assim como a rua, dava uma impressão duvidosa da limpeza, do saneamento e da qualidade e validade dos produtos. Mas esse é o padrão da região... É tudo assim: as lojas, os restaurantes, a padaria...

“Devo estar percebendo tudo assim por causa do meu ataque de ansiedade”, pensei. Era tudo tão diferente da imagem romântica que eu tinha de um vilarejo de pescadores. O único restaurante decente que vi enquanto caminhava pela orla foi um situado em frente a um condomínio de apartamentos de luxo que parecia desabitado.

Fui até o píer, que parecia abandonado há anos, e desci por um velho pontilhão enferrujado até um píer flutuante coberto por um teto de lona, onde deveria pegar o bote da associação dos usuários do Saco da Ribeira até o veleiro.

Simpático e muito atencioso, o marinheiro do bote, ao saber que eu queria ir ao veleiro Soleone, abriu um sorriso, dizendo: “Bem-vindo ao Saco da Ribeira!” E começou a bater um papo gostoso, contado “causos” e perguntando sobre minha experiência na vela, que, junto com a paisagem

magnífica ao meu redor, fez esquecer toda a parte feia e demorada da viagem.

O Saco da Ribeira não se comparava com nada que eu pudesse imaginar. A natureza e a beleza estavam por toda parte. Tirando algumas embarcações em total estado de abandono, todo o entorno era de tirar o fôlego. Já me sentia bem só de estar rodeado por aquela maravilha.

Tirei várias fotos para postar nas redes sociais e mostrar como estava feliz e passando bem.

Com certeza, todos os meus conhecidos, seguidores e amigos já sabiam do meu ataque de ansiedade, e eu precisava urgentemente mudar a imagem que eles tinham de mim naquele momento. Era muito importante, principalmente para minha carreira, mostrar às pessoas do meu networking que eu estava bem e, ao mesmo tempo, aproveitar que estava em um lugar paradisíaco para provocar a tão necessária inveja diária nos outros, para poder me sentir bem comigo mesmo. Com essa viagem, pela primeira vez em muito tempo, minhas postagens seriam de fotos e vídeo onde realmente vivia momentos felizes e não de mentiras e montagens para projetar uma imagem de uma vida maravilhosa que não era verdadeira...

Então, de repente, o celular deu dois bips. Olhei o mostrador de bateria no canto da tela, que informava somente 2% de carga – obviamente de tanto navegar nas mídias sociais durante a viagem –, e o celular desligou. Desesperado, sem ter postado nada ainda, tentei ligar o aparelho novamente, mas a bateria tinha mesmo acabado.

Senti uma falta de ar e um tremor instantâneo que vinha do peito e se estendia como uma onda por todo meu corpo, e minha garganta fechou. Eu suava frio e sentia meu rosto queimar, enquanto, já de pé, girava desconcertado com a “cabeça vazia” e olhando para o celular que não respondia às repetidas pressões do meu dedo na tecla de ligar. Estava já perdendo o controle, quando ouvi o marinheiro do bote dizer algo, então olhei em sua direção.

No meio de um novo ataque de ansiedade, tentei entender o que ele me dizia, mas, meio descontrolado pelo desespero de ter me desconectado de tudo que importava na minha vida, não conseguia processar suas palavras, que chegavam aos meus ouvidos abafadas pelo barulho ritmado do motor.

Levantei os olhos e observei em volta o paraíso onde me encontrava e, sem que eu pudesse entender de onde vinha, uma calma instantânea tomou conta de mim. Minha garganta se abriu de novo, voltei a respirar, e aquele tremor que percorria meu corpo desapareceu.

Fixei os olhos nas ondas formadas a partir da proa que rasgava as águas e, voltando a ter controle do meu corpo, olhei para o marinheiro e perguntei o que havia dito. Ele falava que a previsão era de tempo bom com sol para a semana toda, mas que na quarta-feira à noite iria entrar um vento

sudoeste muito forte, porém seria somente por algumas horas e eu não precisava me preocupar.

Em um movimento espontâneo, acenei com a cabeça quase sem ouvir nem entender o que ele falava.

Capítulo 6

O veleiro ficava bem afastado da vila, na Prainha da Ribeira, era um dos últimos. Mas eu não estava com pressa. Estava adorando o movimento do barco enquanto cortava o mar, ouvindo o barulho ritmado do motor – barulho mais adequado à cidade e tão fora de contexto no meio daquela paz, mas eficiente em nos levar avante. Me sentia calmo, apesar de um pouco ansioso pelo que estava por vir.

Na praia, vi um casal de mãos dadas andando sem pressa, só com os pés dentro da água. Pareciam felizes. Vi um pequeno veleiro chegando a sua poita com apenas uma de suas velas, a de trás, que fiquei sabendo depois se chamar “mestra”, hasteada até o tope. Ele chegou perto da poita e, rapidamente, um homem saiu da popa, foi até a proa com um croque e alçou os cabos da poita para fora da água, amarrando-os nos cunhos. Ele olhou para o casal na praia e disse alguma coisa; não deu para ouvir, por causa da distância e do barulho do motor, mas imaginei que seria algo assim: “Olá, Raul! Olá, Tânia! Que belo dia!”, ao que o casal respondeu: “Olá, Maurão! Bom te ver! Como foi a velejada?”, e continuaram a conversar. Percebi que eu sorria. Tudo aquilo parecia muito com a minha fantasia, algo que sempre pensei que não fazia sentido, mas que, aparentemente, fora de São Paulo era real.

Então o velejador se virou, sorriu e acenou para mim e para o marinheiro do bote. E minha neura de paulista retornou: em vez de sorrir e acenar de volta, virei o rosto e fiz como se não fosse comigo. Típico da cidade grande! Eu continuava sendo eu mesmo. Ainda o mesmo garoto travado da cidade.

Nesse momento, o marinheiro me mostrou o veleiro que se materializava bem na minha frente e, apesar de rodeado por outros tantos, sua beleza se destacava. Senti meu coração dar um pulo no peito. Era lindo! Seu casco azul claro refletia o sol nas marolas a sua volta.

Duas faixas brancas, uma perto da linha d’água e outra perto da borda do deck, davam-lhe um tom de elegância. O design do casco dava a impressão de que ele avançava rápido sobre a água, mesmo estando parado. A borda baixa do costado, pintada de azul claro, o deck branco, com sua cabine baixa e janelas pretas, pareciam totalmente proporcionais. O mastro e seus cabos coloridos, com a vela coberta por uma capa bege enrolada na retranca, da mesma cor do teto de lona que se estendia até a popa, davam uma sensação estética e harmoniosa como nenhum outro

veleiro que eu vira pelo caminho. Tudo parecia combinar. Na proa, em letras brancas, seu nome: Soleone.

Em São Paulo, Julia havia me explicado o que significava o nome, dada minha estranheza ao ouvi-lo pela primeira vez. Era uma combinação de duas palavras em italiano: “Sole”, o astro solar, e “leone”, leão. Colado no espelho de popa, um logotipo traduzia o nome: a cara de um leão com a juba em formato de grossos raios como os do Sol, expandindo-se a partir da cabeça do animal para a direita. O amarelo do logo se destacava sobre o azul claro do casco, parecendo o pôr do sol no horizonte azulado. “Que bom gosto”, pensei.

Paramos ao costado e coloquei minha sacola de roupas e as de comida e água no deck. Logo em seguida, embarquei, colocando um pé na borda e tirando do guarda-mancebo. Dei um pulo com o pé que ficara no bote e subi no veleiro. O veleiro adernou um pouco, mas rapidamente voltou ao prumo.

Uma tartaruga colocou a cabeça para fora da água, o que me fez pular assustado. Tentei lembrar se alguma vez havia visto uma tartaruga tão de perto, e só consegui lembrar de ter visto uma no zoológico, que certamente era de outra espécie, pois duvido que o zoológico de São Paulo possua tartarugas marinhas. É incrível o que você perde quando passa a vida inteira em uma metrópole.

Fui até a gaiuta, tecliei a combinação numérica do cadeado, que se abriu fazendo um click. Abri então a gaiuta. Por dentro, o veleiro era espaçoso; a madeira de cor clara, meio aloirada, parecia iluminar o ambiente à medida que a luz refletia nela.

Uma escada dava acesso ao interior. Vacilei e, imediatamente, minha ansiedade voltou. Comecei a suar frio e a me perguntar “E se eu for claustrofóbico em barcos e, além disso, marear dentro da cabine?” Olhei para o bote que já se distanciava e, sem alternativa, tentei relaxar.

Desci as escadas, e a cabine estava quente. Pudera, o veleiro estava fechado e já eram 13h45. Então, com a sensação de estar sendo cozido numa panela de pressão, comecei a abrir todas as gaiutas que vi pela frente. O ar começou a circular, mas continuava muito quente e eu suava de pingar. Subi as escadas rapidamente e fui sentar embaixo do bimini, na popa do veleiro, onde uma brisa deliciosa refrescou meu corpo.

Fiquei muito tempo sentado, como que em transe, só olhando ao meu redor. Só respirando o ar puro que vinha com um cheiro para mim estranho, mas muito gostoso, de sal, de mar. Nunca tinha imaginado que poderia haver tanta beleza em um só lugar. Enquanto observava e absorvia tudo ao meu redor, meu campo de visão mudava constantemente, pois o veleiro girava, com seu centro na amarração da proa na poita, em decorrência de mudanças na direção do vento, de alguma marola de um outro barco ou por uma força imperceptível das correntes do mar. Como

pude me privar de conhecer a praia e o mar por tanto tempo?

Voltei então a descer na cabine, que já estava bem mais fresca. Olhei ao redor. Parecia que tudo estava ao alcance da minha mão. Tinha uma pequena cozinha do meu lado direito, com uma geladeira, duas pias, uma bancada e um pequeno fogão com forno embutido, tudo disposto em um balcão em formato de L. Em frente à cozinha, para quem olha para a proa, um sofá comprido terminando em uma anteparas que ia até o teto, atrás da qual havia um armário para roupas. Na sequência, a cabine do capitão, com uma cama em formato de V.

Do meu lado esquerdo, havia uma pequena mesa de navegação, separada por uma anteparas baixa do sofá em formato de U que contornava uma mesa dobrável. À frente do sofá, outra anteparas que ia até o teto e, atrás dela, um banheiro completo, com pia e privada de um lado, e boxe de chuveiro separado. Outra anteparas e voltamos à cabine do capitão, com sua cama em V.

Atrás de mim, à esquerda, havia uma cama que ia até o banco da mesa de navegação. Do outro lado, somente a cozinha. A escada, por onde havia descido, dava no salão, acima de uma caixa de madeira, que parecia abrigar o motor. Tudo era de madeira clara e espalhavam-se almofadas beges em um tipo de tecido aveludado.

Fiquei fascinado, mas minha ansiedade me fez, novamente, subir os degraus para respirar. Olhei novamente meu entorno e relaxei. Estava sozinho em um lugar paradisíaco, balançando suave com o movimento do mar. Voltei a entrar e sentei no sofá, relaxando os ombros e soltando a tensão do corpo. Olhei em volta e percebi que não havia televisão. Pensei: “Típica reação de garoto de cidade que já procura o conforto, ou talvez o vício, da conexão com o mundo”. Me senti um pouco apreensivo, sem saber o que fazer.

Como não havia trazido o computador nem o iPad, tudo que eu possuía para me conectar com o mundo externo era meu celular, que estava com a bateria descarregada. Ou seja, naquele momento, enquanto não descobrisse como carregar meu celular, eu estava isolado de tudo e de todos. A sensação, diferente do que imaginei em minhas neuras de costume, era libertadora.

Sem nada para fazer, fechei os olhos e me concentrei no suave balanço do veleiro e em um leve barulho ritmado de alguma coisa batendo no mastro.

Pela primeira vez em muitos meses, poderia até dizer em anos, relaxei e adormeci. Acordei lá pela meia-noite, assustado, sem ter certeza de onde estava. Lembrei de Julia e seu convite e, mais relaxado, levantei do sofá e fui até a cozinha ver o que tinha para o jantar.

Sem muita cerimônia, peguei um macarrão instantâneo que havia comprado e o comi cru, com pó de molho de galinha caipira, sentado no deck.

Então fiz um demorado xixi direto no mar borda afora e voltei para dentro do veleiro. Deitei na cabine de popa, que era da Julia, e adormeci imediatamente, sentido seu odor no travesseiro.

Capítulo 7

Vamos ser sinceros: adolescentes fazem coisas idiotas.

Quando garoto, acho que logo extrapolei minha cota de idiotices, das quais, agora adulto, me arrependo terminantemente.

Sempre tento de me convencer de que as pessoas que viveram comigo e até passaram pelas mesmas idiotices já se esqueceram delas... quem sabe.

Sozinho, sem nada para fazer ao acordar pela manhã, comecei a relembrar minha adolescência.

Para organizar os pensamentos, separei as idiotices em bobagens e estupidezes.

Uma bobagem que veio à mente foi quando, aos 16 anos, entrei escondido no computador do meu pai para usar a internet. Era a época da internet discada e conectada através de modem. Lembro até hoje o som “scrriiii, schrrraiiii” que o aparelho fazia quando se conectava. Eu gostava de uma menina na escola, e encontrei uma foto dela no Orkut – é, faz tempo... Fiz o download da foto e a abri no Paint. Recortei seu rosto e tentei colar sobre o rosto da modelo de janeiro da capa da revista Playboy, que também havia encontrado por meio do Browser. Meu pai entrou na sala e eu fechei o programa o mais rápido que pude; porém tenho certeza de que ele viu tudo, pois um pequeno sorriso se formou em seus lábios enquanto seu rosto se iluminava. Ele nunca disse nada. Às vezes me pergunto se ele ainda se lembra disso ou se já esqueceu, como um monte de outras coisas da minha adolescência.

Fiz também outras coisas na linha do estúpido, como tentar descer no apartamento do vizinho de baixo usando uma corda de nylon de pendurar roupa em varal – detalhe: eu morava no 13º andar. Fiz aquilo por causa de uma aposta com um amigo, e tive a satisfação de ganhar.

Outra estupidez foi fazer um furo na parede do meu quarto para ver o que havia do outro lado. Havia, é claro, o banheiro, e o furo atingiu justamente um cano de água, que inundou meu quarto e todo o apartamento, pois a empregada não sabia como desligar a água e o zelador demorou para subir. Ainda outra foi invadir a ala reservada aos padres da minha escola para ver que segredos eles guardavam escondidos a sete chaves, entre outras estupidezes de adolescente.

Tirando a descida ao apartamento do vizinho – quando, por sorte, senão eu não estaria aqui para contar, a corda de nylon suportou meu peso até eu me segurar na varanda de baixo e só então quebrou, me deixando preso por horas no apartamento, até o vizinho voltar do trabalho e me encontrar na sala assistindo TV e comendo as bolachas da sua cozinha –, nunca ninguém ficou sabendo de nada, a não ser meus amigos, que contavam essas histórias por meses para todo mundo na escola, não me deixando esquecer e me fazendo parecer bobo.

Será que meus amigos ainda se lembram das estupidezes que fiz no passado? Eu acho que coisas marcantes nunca se esquecem.

Por que estou falando de tudo isso? É que, ao acordar no veleiro, na manhã seguinte, depois de uma noite completa e relaxante de sono profundo, a primeira em muitos anos, notei uma foto enquadrada que mostrava eu e Julia sentados em um galho alto de uma árvore no jardim da casa dela. Na foto, estávamos ambos de costas no meio da folhagem, e nela dava para ver o perfil dos nossos rostos. Ela foi tirada no exato momento em que íamos dar nosso primeiro beijo. Nunca tinha visto essa foto antes. Julia nunca me mostrou. Deve ter sido tirada por sua mãe sem sabermos, e dada a ela depois que terminamos nosso namoro. Mas o que fazia essa foto naquele lugar?

Não consigo lembrar por que terminamos. Sempre pensei que houvesse sido por causa de alguma besteira, mas não conseguia lembrar qual. Talvez não tenha sido uma besteira, mas uma estupidez, para Julia terminar comigo. Não lembro.

Coloquei a foto de lado e tentei esquecê-la, pois ela fez com que minha ansiedade voltasse forte. Estava no veleiro para fugir de coisas que me causassem ansiedade.

Então, naquele momento, me convenci de que tentaria esquecer todo o meu passado e pensar apenas no meu presente... Afinal, estava de férias!

Capítulo 8

Peguei o celular para ver as horas... havia esquecido de que estava descarregado. Eu tinha adormecido sem colocá-lo para carregar. Peguei o celular e procurei uma tomada. Encontrei duas na mesa de navegação.

Uma dizia 220V e a outra 110V, e ainda usavam a pinagem dupla antiga para os terminais quadrados e para os redondos. Coloquei o conector do carregador na tomada de 110V e esperei pelo barulhinho e a figura da bateria na tela mostrando o início de carga. Nada aconteceu.

Até aquele momento eu não havia me preocupado em ligar nenhum aparelho do veleiro. Nem a

luz eu havia ligado ainda. Procurei pela chave geral e a encontrei embaixo do assento da mesa de navegação. Uma chave geral vermelha com duas posições, “liga”/“desliga”, e outra preta com três posições, “1”, “both” e “2”. Coloquei a chave vermelha em “liga” e a chave preta em “both”, pois Julia me havia dito que um dos números era da bateria do motor e o outro do bando de baterias de serviço, e não me recordava qual era qual. Ligando em “both”, estaria usando todas as baterias.

Voltei a olhar para a tela do celular e nada de barulhinho nem de figura de bateria. Comecei a colocar todos os botões no painel que havia na lateral da mesa de navegação na posição “on”, e ainda nada de o celular começar a recarregar. Tentei combinações ligando a chave e desligando botões até que, depois de tentar de tudo, desisti.

Não tinha como recarregar o celular.

A fome bateu e decidi tomar café da manhã e perguntar para alguém que passasse como eu podia ligar a energia para carregar o celular. Não passou ninguém. Estava sozinho e isolado no meio de um monte de veleiros e, pior, não sabia nem como chamar o bote. Minha ansiedade voltou, mas me acalmei. Eu não tinha, ou não sabia, o que fazer e, como diz o ditado, “o que não tem solução, solucionado está”.

Fui até a popa e levantei um dos assentos atrás da roda do leme, onde Julia havia me dito que se localizava o botijão de gás. Se não tinha energia elétrica para carregar o celular, pelo menos tinha gás para fazer um café.

Capítulo 9

Meu plano, concebido enquanto tomava café da manhã, era nadar até a praia e passear pela região.

Julia me dissera que havia duas trilhas, uma levando da Praia da Ribeira, onde o veleiro estava ancorado, à Praia do Flamengo, e outra da Praia do Flamengo até a das Sete Fontes, do outro lado da montanha.

Ela me disse que em ambas as praias havia restaurantes de frutos do mar. Contudo, a Praia do Flamengo havia sido tomada por gente rica de São Paulo, com a construção de casas suntuosas na orla e na montanha; já na Praia das Sete Fontes tudo ainda era rústico, com uma comunidade de pescadores que vivia da pesca, vendendo seu pescado em restaurantes simples de madeira direto na praia. O processo decisório foi muito simples, já que a Praia das Sete Fontes era a realização do meu sonho. Era onde eu queria almoçar.

Peguei uma sacola impermeável e coloquei nela minha carteira, uma camiseta, uma toalha, um protetor solar, uma bisnaga de repelente e meu tênis com um par de meias.

Ao subir ao deck, olhei para a água e me dei conta de que seria a primeira vez que mergulharia no mar. No dia anterior, com tanta novidade e tão cansado, não tinha passado pela minha cabeça nadar.

A água era de um verde esmeralda totalmente transparente, tão bela que eu não conseguia me aguentar de vontade de me jogar nela. Joguei a sacola impermeável na água e, pulando o guarda-mancebo na borda do veleiro, mergulhei de cabeça. Enquanto estava ainda no ar, minhas preocupações voltaram: “O que tem de perigoso nesta água?” Mas a pergunta ficou sem resposta, pois foi imediatamente seguida do “splash” na água cristalina.

A sensação da água envolvendo meu corpo, da cabeça até a ponta dos pés, à medida que eu afundava no mergulho e ela tocava todas as partes do meu corpo sucessivamente, foi uma das mais maravilhosas que senti na vida! O gosto da água salgada na boca, seu frescor na minha pele e até mesmo o ardido nos olhos são sensações que jamais vou esquecer. Olhei para a água ao meu redor e, como não vi nada de perigoso, relaxei.

Nadei em volta do veleiro, apreciando novamente suas belas linhas, peguei a sacola que boiava por perto e me pus a nadar em direção à praia. Dei duas braçadas e parei assustado. Virei, olhei novamente para o veleiro e pensei comigo mesmo, “Não baixei a escada! Como é que vou subir quando voltar?” Nadei em volta do veleiro novamente, constatando que a borda era bastante alta para subir a partir da água e não tinha nenhuma saliência ou plataforma, nem na popa, que era em formato de cunho. A única possibilidade que eu enxergava era escalar o cabo que amarrava o veleiro à poita. “Bem, não vou me preocupar com isso agora. Depois vejo como faço. Alguém pode me ajudar e me trazer com um botinho. Estou de férias e, dessa idiotice, ninguém sabe ainda!”

Nadei então lentamente até a praia, que se encontrava a apenas uns 20 metros do veleiro. A praia aparece de repente sob seus pés e sobe rápido. Na parte mais funda, é meio barrenta, tipo mangue, e então vai se misturando com uma areia amarelada na parte mais rasa até que a areia fica branquinha.

Parei novamente para olhar ao meu redor e me lembrei do casal que passeava tranquilo de mãos dadas no dia anterior. Procurei por alguém para dizer “Olá”, mas a praia estava deserta. “Será que se tivesse alguém eu diria ‘olá?’”, pensei.

Andei até o final da praia e então vi, por trás de uma grande pedra fincada na areia, um caminho

de terra batida e cascalho que subia o morro. Com um sorriso no rosto, comecei a andar pelo íngreme caminho que fazia uma curva para a esquerda, onde dava para ver a praia em toda a sua extensão e, então, fazia outra curva para a direita, onde só se podia ver que a subida ainda era longa.

Cheguei a certa altura e, sem fôlego, parei para apreciar a paisagem. Por entre a vegetação dava para ver toda a baía, ou saco, o Saco da Ribeira, como é chamado, com seus veleiros apoitados, suas praias e as casas dependuradas nos morros. Olhando para o lado da montanha, me dei conta de algo curioso que, apesar de ter percebido no dia anterior, ainda não havia processado.

A vegetação da montanha era composta majoritariamente por árvores do tipo pinheiro, e não pelas características árvores exuberantes da Mata Atlântica. “Como será que plantas não nativas chegaram ali e tomaram conta da montanha?”, pensei, “Essa é uma boa pergunta para fazer a alguém com quem eu quiser puxar papo.”

Continuei andando em direção à Praia do Flamengo e, no meio do caminho, pregada a uma árvore, atrás de uma cerca de arame farpado, vi uma placa que dizia: “Propriedade particular. Cuidado com o elefante.”

Era mais uma dúvida que eu poderia usar para puxar conversa com alguém... Então caiu a ficha! Só podia ser piada! Como um elefante iria conseguir andar nesta montanha íngreme? Caí na gargalhada como há muito tempo não fazia. Não conseguia parar de rir pensando no elefante cambaleando morro abaixo e caindo na água. Acho que este tinha sido o objetivo de quem quer que tivesse colocado a placa ali: fazer a gente relaxar e rir com o ridículo da situação.

O resto do caminho foi de subidas e descidas, até que cheguei aos últimos metros de trilha antes da praia. Era uma escadaria talhada na montanha, com degraus de cimento ou de pedra, que desciam de maneira acentuada até a praia. Era daquelas escadas cujos degraus não estão nem na proporção, nem na altura recomendada, e você vai meio que caindo neles e dando trancos no joelho para não desabar escada abaixo. Mas era extremamente eficaz – se não estivesse ali, não sei como alguém conseguiria descer, a não ser trepando em árvores.

Então cheguei à Praia do Flamengo. Dizer que é maravilhosa é poupar nos predicativos. A baía, a praia e a mata são magníficos!

Tem as casas, mas elas não incomodam. Dão até um charme e sofisticação à baía tão natural. Sentei na areia, tirei os tênis e as meias, e me joguei novamente na água para me refrescar.

Fiquei boiando por muito tempo, indo e vindo com as ondas que quebravam na praia.

Sem me importar com o tempo passado na água, saí quando deu vontade e sentei em uma pedra saliente na areia para me secar ao sol. Fechei os olhos. Que gostosa é a sensação do sol quente sobre a pele molhada pela água salgada do mar, que ao secar, dá a impressão de que a pele está encolhendo... enrugando... deixando uma camada de sal na superfície.

Fiquei em transe por alguns minutos, somente observando essas sensações nunca experimentadas. Depois de um tempo, abri os olhos para ver meu entorno.

A praia do Flamengo é como se fosse uma baía em formato de ferradura, com montanhas cobertas de vegetação em toda sua extensão e uma praia no centro. As ondas chegam suaves. Transparentes. Parecem mais marolas e avançam sobre uma areia branca que, onde está molhada, fica bege brilhante.

Na baía, perto da praia, um número grande de poitas faz um loteamento do mar. “Até aqui querer a posse, quem não tem direito sobre o mar”, divago filosoficamente. Se eu chegasse de barco, não teria outra alternativa a não ser jogar a âncora bem longe da praia, pois o resto da baía fora tomada pelas poitas e por uma “fazenda” de mariscos que estraga a beleza do lugar, com seu emaranhado de tonéis e boias plásticas coloridas flutuantes, tomando posse de uma grande área de mar, totalmente alheia de quem chega.

Ando pela praia por alguns metros e encontro, entre uma casa e um restaurante, o acesso para a trilha que dá na Praia das Sete Fontes. Numa placa indicativa, novamente: “Não alimente os elefantes”. Com outra boa gargalhada, entro no portal que dá na trilha.

Se a primeira trilha até a Praia do Flamengo fora cansativa, a nova trilha, aberta em plena Mata Atlântica, era de acabar com as forças de qualquer um. Além de íngreme, era úmida. Fiquei molhado nos primeiros metros da subida. E que subida. daquelas em que os músculos da perna vão ficando duros a cada passada e a dor vai como que se acumulando até que você tem de parar, com a desculpa de pegar fôlego, para descansar... e não adianta reclamar. Você tem de atravessar uma montanha de 160 metros de altura. A subida é gradual, mas acabou com a musculatura deste garoto da cidade.

Tive de parar para descansar, o que foi a melhor coisa que poderia ter feito. Só assim percebi meu entorno. O ar puro, fresco e úmido aguçou meus sentidos e me vi rodeado, quase que sem suporte por causa das pernas ainda bambas, por um verde deslumbrante, de diferentes tons, entrecortado por raios intermitentes de sol, que pareciam balançar com o movimento das folhas que permitiam sua passagem.

Na terra batida do chão, um sem fim de vida. Uma infinidade de insetos seguindo suas vidas sem se preocupar comigo. De repente, um barulho atrás de mim me fez virar rapidamente, a tempo

de ver uma pequena cobra fugindo mata adentro.

A cada tanto, trilhas de formigas em fila “indiana” cruzavam meu caminho. Com cuidado, tentava evitar pisá-las, prosseguindo meus passos rumo ao cume.

Já no topo, me agarrando a alguns galhos grandes caídos e que associei aos cipós do Tarzan, subi os últimos metros esperando uma vista deslumbrante do mar abaixo, mas... que mar que nada!

O que vi, sem reclamar, por sua beleza, foi mais mata densa morro abaixo.

Em certo ponto da descida, a presença do homem se faz sentir: restos de construções abandonadas, telhas, caixas com garrafas e sobras de materiais usados para pesca.

Então, atravessando um corredor de entulho apoiados às paredes de casas de alvenaria em ambos os lados, tive a visão do mar. A praia só surgiu depois. Foi o mar que vi primeiro. Azul escuro, diferente da cor esmeralda do mar da Praia do Flamengo, mas ainda assim maravilhoso.

No formato, a Praia das Sete Fontes e a do Flamengo são parecidas, só que a primeira parece maior, com pedras grandes em ambas as extremidades, onde volta a se integrar com a Mata Atlântica. É incrível como a paisagem, embora na mesma ilha, muda apenas atravessando a montanha.

Do lado em que eu estava então, via-se ao largo a Ilha do Mar Virado, com as ilhotas de Fora e de Dentro e a Laje, que mal se viam e que separam a Ilha do Mar Virado do continente sul de Ubatuba. Olhando bem, em dias sem névoa, dá para ver Ilhabela bem ao fundo.

Do lado da Praia do Flamengo, temos a visão da costa norte antes da cidade de Ubatuba e do canal que a separa da Ilha Anchieta. É tudo a mesma costa, mas a impressão é de que tudo é diferente e de que viajamos para um outro lugar. Talvez, além dos pontos de referência em terra, seja somente a maneira como a luz incide nas águas... Realmente, eu estava divagando e nada daquilo tinha a menor importância.

Andei pela praia e tentei encontrar um restaurante aberto. Mas era terça-feira, e todos pareciam estar fechados... Eu era a única pessoa por ali. Tudo estava fechado e deserto.

Com fome, olhei em direção à trilha na mata que eu teria de enfrentar para voltar à Praia da Ribeira e, xingando minha estupidez por não ter trazido nenhuma comida, dei o primeiro passo.

Capítulo 10

No retorno, não parei nem no lindo restaurante da Praia do Flamengo.

Decidi fazer as duas trilhas na sequência e sem descanso como castigo pela minha estupidez.

Chegando à Praia da Ribeira, já em frente ao veleiro, olhei à minha volta em busca de alguém com um bote para me levar até o veleiro. Não havia ninguém, nem na praia, nem nos veleiros próximos. Então, conformado, tirei os tênis e as meias, guardei-os na sacola impermeável, e entrei na água para nadar até o veleiro. Me sentia fraco, mas a visão do veleiro naquela paisagem de cartão postal me animou.

Ao alcançá-lo, lembrei do meu pequeno problema... O idiota não tinha baixado a escada! Tentei subir pela popa, me agarrando ao hidráulico do back-stay, mas não consegui impulso nem onde me apoiar. Tentei então a borda, mas ela era muito alta, por isso não consegui alcançar o guarda-mancebo para me ajudar no impulso. Restou a proa com o cabo da amarra da poita, que subia até o cunho no deck. O cabo de nylon azul grosso estava coberto por uma fina camada de lodo marrom escorregadio e cracas de vários tamanhos. Por sorte, o lodo e as cracas só existiam abaixo da linha d'água. Acima dela, o cabo estava limpo.

Eu nunca havia escalado por um cabo antes, e a operação me parecia difícil, se não impossível. Mas não havia outra opção. Agarrei o cabo com as duas mãos e tentei subir contraindo os braços e colocando uma mão acima da outra por vez. Tentei ajudar com os pés apoiados no cabo, porém eles escorregaram por causa do lodo na parte do cabo que estava dentro da água. Senti uma dor aguda quando a sola de ambos pés foi rasgada pelas cracas presas ao cabo. Soltei as mãos do cabo e caí novamente na água. Não que houvesse subido muito. Tinha apenas subido uns 20 centímetros.

Segurando-me ao cabo, peguei um dos pés com a mão livre e o subi até a altura do peito para poder ver o estrago que a craca havia feito. Não estava tão mal. Tinha um corte que sangrava e doía, mas nada de grave. Pensei imediatamente em tubarões, mas decidi acreditar que eles não existiam ali. Olhei a altura do deck e comecei novamente a escalada, que terminou na água após uns 30 centímetros... Meus braços não conseguiam sustentar meu corpo uma vez que este estivesse um pouco fora da água. Mais uma idiotice para minha lista. Esta, porém, não contaria, já que ninguém estava vendo – seria um segredo para levar à tumba, se necessário. Então, parei para pensar. Precisava fazer algo diferente.

Eu só tinha à mão minha sacola impermeável, meus tênis, uma camiseta e um par de meias. Olhei para o cabo e decidi fazer com esses objetos os degraus de uma escada. A ideia era amarrar

cada um deles bem apertado a uma certa altura do cabo, formando um apoio para minhas mãos e pés à medida que eu fosse subindo pelo cabo.

Amarrei a sacola em torno do cabo um pouco acima da linha d'água, para servir de primeiro degrau. Depois amarrei um tênis uns 30 centímetros acima. Coloquei um pé na sacola e as mãos no cabo o mais alto que pude e, com uma puxada dos braços para cima apoiando meu peso na sacola, consegui sair da água. Então, amarrei o outro tênis mais acima e comecei a escalada até a borda que, naquele momento, permitiu pegar com uma das mãos a base do guarda-mancebo.

Dei uma última puxada com os braços retraídos e passei meio desengonçado por baixo dos cabos do guarda-mancebo arranhando as costas.

Exausto, fiquei estirado no deck até que o cansaço foi superado pela fome. Me levantei, dei uma olhada na “escada” que havia construído e fiz uma anotação mental para lembrar de desmontar tudo alguma outra hora.

Então, juntando forças, desci as escadas para preparar algo para comer.

Capítulo 11

Meu jantar foi um “quase” delicioso prato de penne com molho à bolonhesa. A massa ficou perfeita, “al dente”, como dizem os italianos, e o molho à bolonhesa pronto ao qual adicionei meia cebola cortada e frita e uma colher de sopa de manteiga também estava perfeito.

O “quase” ficou por conta de ter me esquecido de comprar um pacote de queijo parmesão ralado, que sempre coloco em grande quantidade, e cuja ausência fez com que meu penne à bolonhesa ficasse sem o sabor que tanto adoro. Para beber, abri uma garrafa de vinho tinto que, apesar de meio quente, estava delicioso.

Após o jantar, lavei tudo e subi ao deck. Sentei então no cockpit para apreciar a noite com uma taça de vinho na mão. O silêncio era total, a não ser pelo barulhinho da água batendo esporadicamente no casco e de algumas adriças que batiam ritmadas nos mastros por causa da leve brisa que atenuava um pouco o intenso calor.

Na praia, a luz de algumas casas dava uma sensação de segurança, de ainda, mesmo naquele lugar quieto e isolado, fazer parte da civilização. O céu estava coberto de estrelas e a lua cheia iluminava tudo ao meu redor. Ali, naquela paz, calmo como há tempos não me sentia, sem me dar conta, comecei a pensar em Julia.

Lembrei de sua expressão de preocupação quando cheguei a seu apartamento alguns dias antes, e de como ela me recebera com um abraço apertado, carinhoso, demorado. Lembro que, em seus braços, me senti bem, seguro, mesmo após o ataque de ansiedade e com a incerteza sobre meu futuro.

Eu não tinha dado muita importância a isso naquele momento, mas comecei então a me lembrar que quando cheguei seus olhos estavam vermelhos, como se ela houvesse chorado, e, ao me ver, tudo em seu rosto se iluminou. Foi então que ela me abraçou, naquele abraço demorado, apertado, carinhoso. Mas por que eu estaria me lembrando disso ali? Seria por estar naquele lugar de que ela tanto gostava, no veleiro que ela tanto amava, ou por estar sozinho, saudoso, com meia garrafa de vinho “na cabeça”? Não sei, mas foi inevitável pensar nela.

Lembrei da fotografia que ela mantinha pendurada em sua cabine, no veleiro. Lembro bem daquele dia. Não por ser nosso primeiro beijo, mas pela forma como ele aconteceu.

Naquela manhã, tínhamos ido ao colégio juntos, como fazíamos sempre. Tivemos prova de matemática e eu estava desesperado, como de costume, pois não sabia se tinha ido bem na prova. Aliás, sabia que tinha ido mal. Ela, ao contrário, estava calma, pois, como prestava atenção na aula, quase nem precisava estudar para ir bem na prova.

Ao final das aulas daquele dia, enquanto voltávamos para casa, eu, preocupado e falando meio descontrolado sobre o que poderia fazer para passar de ano, senti-a pegar na minha mão. Seu movimento foi suave e começou apenas encostando a ponta dos seus dedos nos meus, como que por acaso. Então, quando olhei para minha mão para ver o que havia acontecido, a sua deslizou suavemente sobre a minha e a envolveu, fechando os dedos. Imediatamente, olhei para seu rosto tentando entender o que havia acontecido e, naquele momento, ela sorriu, seus lábios se abriram e, tudo que pude ouvir foi sua voz suave dizendo “Não se preocupe, estou aqui e vou te ajudar”.

Com essa frase, sentindo a suavidade com que segurava minha mão, relaxei e me deixei levar por todo o caminho, em silêncio, até a árvore onde, ainda de mãos dadas, subimos até o primeiro galho e sentamos lado a lado. Ainda em transe, mas calmo e com uma sensação de bem-estar, ao virar meu rosto para encontrar o seu, nossos lábios se encontraram e, imediatamente, suavemente, se selaram. Então, ambas as bocas se abriram em um beijo molhado, gostoso. Foi perfeito. Eu parecia ter saído do meu corpo, flutuando.

E realmente flutuei, até bater seco na grama abaixo. Eu caí do galho.

Ela me olhou apreensiva e tudo o que pude fazer foi olhar nos seus olhos e sorrir. Nisso, sua mãe chegou desesperada, quebrando o encanto do momento. Agora, vendo aquela foto, entendi como ela chegou tão rápido. Ela devia estar ali por perto tirando fotos quando chegamos, tão compe-

netrados um no outro que nem percebemos sua presença.

Depois daquele dia, começamos a namorar. Até que tudo terminou, ainda não lembrava como. Mas, com certeza, devia ter sido porque fiz algo idiota.

Com essa lembrança, meio embriagado pelo vinho, desci novamente à cabine e deitei na cama de Julia, onde adormeci. Estava tão cansado e dolorido pela caminhada que nem percebi que não havia fechado o veleiro nem desligado as luzes.

Capítulo 12

Acordei com dor de cabeça e melado de suor. Como estava quente, não tive dúvidas e, colocando uma sunga, pulei na água para um banho revigorante matinal. Não sem antes baixar a escada. Como diz o ditado: a primeira vez é ignorância; a segunda é burrice.

Ao sair da água, a dor de cabeça não havia passado, mas eu me sentia bem. Ainda com a musculatura dolorida da caminhada do dia anterior, mas bem, como não me sentia havia tempo!

Decidi não fazer nada naquele dia. Iria nadar e descansar. No máximo, fazer um passeio pela praia.

Depois de me secar lentamente ao sol, desci para fazer um belo café da manhã. Percebi que não havia apagado as luzes na noite anterior e, prontamente, apaguei uma a uma. Olhei o indicador das baterias e ainda havia carga, com a agulha do indicador um pouco acima do limite vermelho.

Mais tarde, como Julia havia me explicado, teria de ligar o motor a alta rotação para recarregar as baterias. Contudo, naquele momento, com dor de cabeça e adorando o silêncio no qual me encontrava, não tinha nenhuma intenção de fazê-lo.

O dia acabou sendo de descanso e comilança. Fiquei lendo umas revistas sobre vela que havia na cabine. Enquanto lia, várias embarcações passaram, e seus ocupantes acenavam com a mão ou com a cabeça, como que dizendo “Olá! Bom dia! Tudo bem?”, ao que eu respondia com um sorriso e um aceno.

Nunca fiquei tão interessado por um assunto. Não conseguia parar de ler. Todas as revistas iniciavam com o mesmo texto do editor explicando o propósito da publicação. Ele não precisava dizer mais nada:

“A vida é melhor em um veleiro...”

Esta revista é sobre muito mais do que vela e veleiros.

Nela, queremos discutir por que velejamos, entender as pessoas que curtem velejar, e abordar a relação que existe entre os seres humanos e o mar.

É uma revista dedicada à beleza do estilo de vida da vela, na qual nossos leitores encontram ideias para simplificar suas vidas, cultivar amizades e passar mais tempo na água, com seus amigos e familiares, apreciando um estilo de vida mais tranquilo.

É nosso espaço para falar e trocar experiências sobre como a vela nos permite viver de maneira mais simples, permitindo fazer uma pausa, mesmo que por um instante, para apreciar a vida. Mas, em vez de determinar com quão pouco podemos viver, a SailBrasil Magazine deseja identificar do que não queremos abrir mão para viver.

É um lugar para compartilhar ideias e buscar inspiração nesses momentos simples, momentos em que, perto da água, especialmente em um veleiro, nos tornamos seres humanos mais felizes...

Embora possa parecer audacioso, gostaria de sugerir a maneira mais adequada de se ler esta revista... As imagens, as histórias e as ideias são propícias para uma leitura calma e detalhada.

Muitos sentem que, com uma revista, uma rápida passada pelas páginas é suficiente – neste caso, o oposto é verdadeiro. Reserve algum tempo só para você, no fim da tarde ou à noite, e leia esta edição relaxando com seus shorts e chinelos, durante os dias quentes de verão, ou com um cobertor e uma bebida quente, nos dias frios de inverno... Não importa como, apenas relaxe e aproveite.

Espero que goste!

*Maximilian Immo Orm Gorissen
SailBrasil.com.br e SailBrasil Magazine”*

E, sentado preguiçosamente numa almofada no cockpit, vestindo apenas um short, beliscando salgadinhos e tomando um refrigerante sob a sombra do bimini, com a brisa fresca envolvendo meu corpo, relaxei e aproveitei cada uma delas.

Capítulo 13

Já eram 16h quando terminei de ler a última revista. Queria ler mais e poder viver aquilo que o autor descrevia. Que experiência maravilhosa era a vela. Procurei por outras revistas, mas não

encontrei. Uma pena...

Revigorado e com os músculos descansados, lembrei que tinha de tirar a sacola e os tênis que ainda estavam amarrados no cabo da poita. Também precisava ligar o motor para recarregar as baterias. Fainas de velejador que não podem ser postergadas, diria, com certeza, o autor da revista.

Decidi começar tirando a sacola e os tênis do cabo. Já na proa, olhei para baixo e me perguntei como desamarraria tudo aquilo. O tênis que estava mais acima era fácil: eu precisava apenas deitar de bruços no deck e, com os braços estendidos, desamarrar o calçado. O problema eram o outro tênis e a sacola, que estavam mais abaixo, a sacola, bem no nível da água. Nenhum dos dois ao alcance dos meus braços. Como fazer?

A solução óbvia era alçar o cabo da poita até o deck e desamarrar a sacola e o tênis soltando o cabo novamente, quando ambos estivessem desamarrados. E foi o que fiz.

Puxei o cabo caçando pouco a pouco, à medida que o veleiro avançava lentamente em direção à poita e o cabo ia ficando menos tenso. O procedimento não era complicado, contudo, como o cabo na altura do deck era envolto por uma mangueira dura para evitar que se rompesse com o atrito das peças de alumínio, tive de soltá-lo do cunho e esticá-lo ao longo do deck.

Naquele momento, não vi nenhum problema nisso, dado que não havia vento e o mar estava calmo. Fiquei segurando o cabo com uma mão enquanto, com a outra, soltava os nós. Consegui desamarrar o tênis com facilidade; a sacola deu um pouco mais de trabalho, pois tudo estava molhado e aquele lodo escorregadio fazia com que o procedimento, além de sujo, fosse mais complicado.

Enquanto eu desamarrava a sacola, o veleiro começou, sem que eu percebesse, a querer voltar a sua posição anterior, antes limitada pelo cabo da poita. Mesmo sem vento e sem marolas, olhei ao redor e percebi que a maré estava vazando, já que todos os veleiros estavam virados com a popa para o mar. Comecei a ter de segurar o cabo com mais força, pois o veleiro, com seu peso e deslocamento, começava a ser levado pela maré.

Consegui então soltar a sacola e rapidamente peguei o cabo na altura da mangueira para colocá-lo novamente no cunho; mas minhas mãos estavam molhadas e cheias daquele lodo escorregadio, e a superfície lisa da mangueira escorregou da minha mão. Sorte que ao final da mangueira tinha ainda o cabo de nylon, que naquela altura fazia um olhal para colocar no cunho. Peguei no olhal do cabo, meio sem equilíbrio, pois para conseguir agarrá-lo havia curvado as costas e jogado meu corpo para a frente. Então tentei baixar o olhal até o cunho, mas o veleiro havia se deslocado além deste e, por apenas uns centímetros, o olhal não entrava no braço do cunho. Me

ergui novamente e, fincando um dos pés no guarda-mancebo para ter suporte e poder esticar as costas na direção contrária e puxar o veleiro, meu outro pé escorregou no deck coberto de limo e caí com o cóccix sobre a catraca do enrolador da âncora. Com a dor do impacto, soltei o cabo, que voou das minhas mãos e caiu na água, enquanto eu me segurava como podia para também não cair. Puxei meu corpo para perto da gaiuta de proa e me joguei no deck com uma dor forte e aguda no cóccix, que me paralisou por alguns minutos.

Deitado no deck, sem conseguir me mexer, praguejei contra minha idiotice... Especialmente porque, dada sua gravidade, ela deixava de ser uma idiotice e passava a ser classificada como uma estupidez!

Com a maré vazando, o veleiro começou a boiar lentamente em direção ao mar. Então, quando a dor diminuiu um pouco, olhei ao redor em busca de alguém para me ajudar. Mas eu estava novamente sozinho. O que fazer?

No desespero, minha cabeça pensava em como faria para frear o veleiro. Mas veleiro não tem freio... Tem sim, a âncora! Tentei soltá-la, mas, como ela estava presa em volta da catraca do enrolador e eu não sabia como fazer para liberá-la, fiquei olhando e xingando a catraca, tanto por minha ignorância quanto pela dor no cóccix que senti ao cair sobre ela. Tentei então encontrar outra solução. Óbvio! Ligar o motor, retornar para a poita e amarrar novamente o veleiro.

Corri até o cockpit e encontrei o painel do motor, a boreste, embaixo do costado do cockpit, entre a roda do leme e o assento da popa. Abri a tampa do painel e vi que havia quatro botões na vertical ao lado de um conta-giros de RPM. Não tinha lugar para inserir uma chave, e lembrei que Julia havia me explicado que eu deveria primeiro apertar o botão inferior, que ligaria a corrente elétrica, esperar por um som de “piiiiiii” e, então, pressionar o botão do tope, que acionaria o motor de arranque. Como havia deixado a chave geral ligada em “both” (ambas as baterias, serviço e motor), não precisava selecionar a bateria do motor. Mas eu precisava, antes, abrir o registro da água que refrigera o motor. Esse registro ficava embaixo da cama de Julia. Em uma olhada rápida ao redor, percebi que estava muito perto das pedras da costa. O que fazer?

Instintivamente, tentei virar a roda do leme como em um carro, para que o veleiro virasse para longe das pedras. A roda do leme não se mexeu. Percebi então um cabo amarrado à roda do leme e a um dos pilares de sua estrutura de suporte. O pai de Julia a amarrava com um cabo, para que o leme não ficasse balançando com as marolas. Rapidamente, soltei o cabo, que, por sorte, não tinha nenhum nó e estava preso somente por um “gato”. Girei a roda, e a velocidade de deriva do veleiro fez pressão sobre o leme, fazendo-o virar para longe das pedras.

Corri para a gaiuta de entrada e, meio cambaleante, desci as escadas e me agachei em frente ao colchão onde acreditava ficar o registro. Sim, era exatamente onde Julia havia dito. Girei a mani-

vela para aberto e corri novamente para o painel do motor no cockpit, subindo desajeitadamente os degraus da escada. Pulei para fora da gaiuta rumo ao cockpit e meu pé enganchou no cabo do carrinho da mestra em frente à gaiuta. Caí de lado, batendo o peito na quina do assento do cockpit, pois havia esticado os braços para tentar me segurar à roda de leme. O impacto tirou o ar dos meus pulmões e caí pela segunda vez no dia delirando de dor. Teria quebrado uma costela?

Demorou até o ar voltar a meus pulmões e eu perceber que não havia quebrado nada. Mas a dor era muito forte.

Levantei com lágrimas nos olhos e pulei para perto do painel. Precisei dar umas três respiradas profundas até recobrar a visão, que estava toda embaralhada. Apertei o botão de baixo esperando o “piiii”, que não veio. Será que eu teria me enganado e era o contrário: apertar o botão de cima e então o de baixo? Tentei apertar o botão de cima e esperei pelo “piiii”, que mais uma vez não veio. Refiz o primeiro procedimento sem sucesso e, então, desesperado, tentei todos os botões. Nada. Olhei à minha volta com aquela sensação de falta de ar e tremor no corpo. Não por causa da queda, mas por total falta de controle das minhas emoções. Tremia de não conseguir manter as mãos paradas. Olhava à minha volta tentando encontrar uma solução, e vi a Praia do Flamengo passando no meu través.

Não havia percebido, mas um vento forte começara a soprar – lembrei do comentário do marinha do bote de que iria entrar um vento forte naquela quarta-feira. O vento, junto com a maré vazante, fazia o veleiro derivar rápido em sentido ao mar. Como eu podia ser tão estúpido?

Me perguntei diversas vezes por que o motor não ligava. Apertei novamente todos os botões, em todas as sequências. Desci, liguei e desliguei a chave geral, coloquei a outra chave em 1. Voltei correndo para o painel, tentando não enroscar o pé novamente no cabo do carrinho da mestra.

Apertei o botão e nada de “piiii”. Pulei novamente em direção à gaiuta e quase caí escada abaixo. Liguei a chave em 2. Voltei ao cockpit e tentei novamente o botão de partida... nada. Sem saber o que fazer, voltei mais uma vez à cabine para mexer na chave geral. Foi então que olhei o indicador de potência das baterias: estava quase no zero.

“Que idiota!”, pensei. Eu havia usado toda a energia das baterias com as luzes que ficaram acesas e, lembrei, a variação na intensidade das luzes quando ligava o macerador da privada elétrica... Tinha ficado sem energia!

Sentei na cama de Julia tremendo – desta vez, de raiva. Senti aquele frio no estômago tão característico de desespero e parei para pensar na minha situação: estava à deriva no veleiro do pai de Julia, sem energia para ligar o motor, sem meu celular para pedir socorro, com uma forte correnteza e vento que me levavam rumo ao mar, e sem ninguém saber que havia me soltado da poita...

Desta vez havia me superado na estupidez.

Então vi uma caixa laranja presa ao pé da mesa de navegação, na qual se lia “Fogos de Emergência”. Sem pensar, soltei a presilha que segurava a caixa e a abri, encontrando vários fogos de sinalização. Minha única experiência com algo parecido havia sido com fogos de artifício. Pensei que aqueles não deviam ser muito diferentes e procurei uma caixa de fósforos para acendê-los. Achei o acendedor tipo isqueiro a gás com uma haste comprida que havia usado para acender o fogão, e apertei o gatilho. A chama apareceu imediatamente. Subi ao deck e comecei a tirar os fogos das embalagens plásticas. Havia diversos fogos em diversos formatos. Procurei o pavio e não encontrei em nenhum deles... Havia instruções de uso nas embalagens. Não precisava de isqueiro. Peguei o tubo que dizia “Facho Manual Luz Vermelha IFL-202”. Tinha uma tampinha preta na ponta. Tirei a tampinha e encontrei uma argola. Fui até a borda do veleiro e a puxei. Imediatamente uma chama alaranjada saiu da extremidade, então comecei a movimentar o cilindro em arco, com o braço esticado.

Procurei ver se havia alguém por perto e percebi que o veleiro já havia saído da baía e estava bem na ponta da montanha, ao norte da Ponta Grande, que escondia o veleiro de tudo e de todos.

Do outro lado, via a costa da Ilha da Anchieta, que passava rápido. Fiquei balançando o cilindro na esperança de que alguém o visse, até que ele se apagou, uns 60 segundos depois. Não tinha ninguém por perto. Não adiantava acender outro, pois ninguém iria ver. Eu tinha de achar outra solução, pois o veleiro se movimentava rápido e agora, fora da proteção da baía, começava a balançar muito, me fazendo perder o equilíbrio.

“Estou perdido”, pensei, e fui sentar no banco do cockpit, para evitar cair na água.

Capítulo 14

Olhei para cima e vi o mastro. Desde que me soltara da poita, considerava velejar minha última alternativa. E por um motivo muito simples: eu não tinha a mínima ideia de como fazer isso.

Nas revistas que eu havia lido tudo parecia muito fácil, mas eu não sabia nem por onde começar.

“Bem”, pensei, “tenho duas velas. Uma na frente e outra em cima”. Tentei, por exclusão, escolher a mais simples, e decidi pela da frente, a genoa, pois tinha menos cabos. Aliás, não tinha cabo nenhum amarrado a ela. A vela estava enrolada em uma espécie de perfil de alumínio com um tambor embaixo, pelo qual passava um cabo que terminava num mordedor na popa. Como já havia feito muitas besteiras, decidi pegar a revista que havia lido e ver se tinha alguma foto mostrando o que precisava ser montado antes de desenrolar a vela.

Não me preocupei mais em olhar para onde o veleiro estava indo. Isso estava fora do meu controle e, pelo que tudo indicava, ele rumava para alto-mar, onde não havia perigo de bater em nada.

Peguei a edição número 2 da SailBrasil Magazine e, já na quinta página, com um pôr do sol maravilhoso ao fundo, dava para ver que aquela vela, chamada genoa, tinha amarrados em suas extremidades dois cabos, chamados escotas, que eram levados para a popa. Na foto não dava para ver onde as escotas terminavam, então continuei procurando. Na página 16 achei o que procurava: tinha uma foto do veleiro Gaia 1, visto em ângulo pela proa, que mostrava as escotas saindo do olhal na ponta da vela, chamado punho, e indo direto para uns olhais dos carrinhos dispostos no deck na lateral do veleiro.

Olhei o deck do Soleone e encontrei nele tudo o que aparecia na foto. Aliás, os veleiros eram muito parecidos.

Corri meio agachado para dentro da cabine, me segurando onde podia, pois o veleiro balançava muito com as ondulações, e fui procurar as escotas de que precisava. Eu havia visto dois cabos grossos em cima do banco do boxe do banheiro. Um era amarelo e muito comprido. O outro era branco com uns quadrinhos azuis, e mais curto. Tinha de ser este último, pois ele tinha um “gato” de metal preso exatamente na metade, o que o dividia, formando como que dois cabos, em um formato de V.

Saí da cabine e percebi que o vento havia aumentado muito e o mar começara a bater meio desencontrado, por causa da proximidade com a costa. Fui até a proa, onde – me segurando com um braço na genoa enrolada e sentindo uma dor tremenda ao encostar uma das costelas machucadas na vela – abri e fechei o pino de metal do gato em torno do olhal no punho da vela. Havia reparado, na página 21 da edição número 3 da SailBrasil Magazine, que a escota da genoa passava por fora dos brandais, cabos de aço que davam suporte lateral ao mastro, e, então, entravam nos olhais do tal carrinho, para terminarem enrolados nas catracas dispostas no cockpit. Segui à risca o que havia identificado na foto. Faltavam então umas manivelas que vi na foto para girar as catracas – manivelas que encontrei, depois de tirar praticamente tudo do lugar, embaixo do assento da mesa de navegação. Eram as manicacas.

Com tudo montado, só me restava desmorder o cabo que levava ao enrolador da genoa e puxar a escota da genoa para que esta abrisse. Conferi tudo novamente e, de um puxão, tirei de uma das escotas do lado de boreste. A vela desenrolou pouco mais de 1 metro e parou. Então o veleiro começou a girar, ficando paralelo ao vento, quando, em um “vuuuusshhh”, a vela desenrolou muito rápido, de uma só vez, começando a bater com muita força e fazendo um barulho de tecido que parecia querer rasgar. As escotas também batiam, e uma se enrolava na outra, ricocheteando

para todos os lados. Nenhuma foto na revista havia me preparado para aquele momento.

Peguei uma das escotas, do lado oposto de onde vinha o vento, e a enrolei novamente na catraca, prendendo sua parte superior. Girei a manicaca até a vela parar de bater, e percebi que o veleiro começava a navegar para a frente. A vela continuava a bater, mas não era mais o barulho ensurdecido de antes. Olhei para onde estava indo e percebi que o veleiro, com sua vela bem aberta, parecendo um balão estufado na proa, se dirigia para o alto-mar.

O vento vinha pela popa e o veleiro balançava de um lado ao outro, mantendo sua direção rumo ao horizonte. Pulei para trás da roda do leme e tentei virá-la totalmente à direita para conduzir o veleiro em direção à baía. Ele girou e mudou de rumo. A genoa fez um “bang” e trocou de lado, mas parte dela ficou presa no brandal. Não era o ângulo que eu tinha visto na fotografia. A genoa devia ter mudado de lado, e não tinha feito isso. Ela ficou com uma barriga de um lado, e uma outra parte esticada e presa no brandal já que a escota ficara presa na catraca. Eu precisava soltar a escota para a vela girar. Olhei a direção que o veleiro seguia e vi que ia direto para as pedras da montanha à minha frente, a Ponta Grande.

Desesperado, virei novamente a roda do leme para fugir das pedras. O veleiro deitou de lado, com água passando pelo deck. Me segurei como pude na roda do leme e o veleiro endireitou, arancando velozmente com o vento vindo de novo pela popa e enchendo a vela, que havia voltado a seu formato de balão, enquanto o veleiro balançava de um lado ao outro.

Meus braços tentavam manter o rumo, meu corpo enrijeceu, e tudo que eu não queria era passar por aquilo novamente.

Soleone rumava para longe da costa, mas, pelo menos, não seguia direto para as pedras.

Com a cabeça a mil, tentando imaginar como iria sair daquela, de repente vi um golfinho saltar para fora da água bem à minha proa. Ele mergulhou, e então vi mais um. E mais um. Havia vários golfinhos saltando em frente ao veleiro, que parecia querer decolar e saltar junto com eles nas marolas que vinham de maneira intermitente da Ilhota do Sul, na extremidade da Ilha Anchieta. Olhei para ambos lados e percebi que os golfinhos haviam rodeado o veleiro. Então relaxei e sorri, ao perceber que vivia uma das mais belas experiências da minha vida... se ao menos soubesse o que fazer a seguir...

Capítulo 15

Foi então que escutei chamarem meu nome. Era um chamado abafado pelo vento e, por incrível que possa parecer, se assemelhava à voz de Julia.

“Pronto, vou ter outro ataque de ansiedade”, pensei. Mas eu não me sentia com nenhum sintoma de crise de ansiedade, apesar da situação em que me encontrava. Ao contrário, estava curtindo a experiência. Só queria saber como sair dela, mas tinha certeza de que acabaria descobrindo. “Em algum momento, o vento vai ter de acabar”, pensei, me acalmando.

Então escutei novamente chamarem meu nome. A voz parecia distante, abafada por um barulho que parecia de motor. Olhei para trás e lá estava Julia, numa lancha que vinha rápido na minha direção.

A lancha chegou perto e Julia gritou: “Pare o veleiro para eu embarcar!”

Bastou meu olhar para ela saber que isso não iria acontecer. Para saber que eu não tinha a menor ideia de como parar o veleiro.

Nesse instante, me descuidei e virei um pouco o leme, fazendo o veleiro avançar sobre a lancha, que precisou desviar rápido. Virei o leme novamente, voltando à posição anterior, e ele retornou a seu curso.

Vi que Julia colocava um colete salva-vidas e se preparava para embarcar no veleiro.

Não conseguia entender como ela tinha coragem de fazer algo assim perigoso. Olhei novamente e a vi dando instruções ao marinheiro da lancha. Então, ela amarrou um par de defensas que protegeriam o casco da lancha em caso de abalroamento, foi até a borda e gritou: “A lancha vai emparelhar com o veleiro. Vou pular da lancha para o veleiro perto dos brandais, para poder me segurar em algo. Você mantém o veleiro nesse rumo e, pelo amor de Deus, não muda o rumo! Se a lancha bater no veleiro não se preocupe. Mantenha o rumo porque, caso contrário, eu posso cair entre as duas embarcações e ser esmagada!”

“O que mais? Só isso?”, pensei... Então ela disse: “Não se preocupe, estou aqui e vou te ajudar”.

Como por mágica, relaxei e me concentrei no que tinha de fazer.

Vi Julia ficar de pé na borda da lancha, se segurando na estrutura da targa. A lancha tentou chegar perto, mas uma marola quase a jogou em cima do veleiro. O marinheiro desviou no último segundo, e manteve um rumo paralelo ao veleiro. Acelerou um pouco para manter Julia na linha dos brandais, mas exagerou na aceleração e teve de reduzir, ficando para trás.

Novamente, acelerou e se manteve paralelo, na altura dos brandais, por um tempo, sentindo o mar, o movimento do veleiro e a velocidade. Então, com um leve giro do volante, chegou mais

perto do veleiro. Ainda havia uns dois metros entre as embarcações. Ele manteve o rumo e a velocidade, até sentir que tinha controle sobre o que fazia, e então diminuiu a distância, quase encostando no veleiro. Olhei para Julia e, de repente, naquele instante de perigo, lembrei por que tínhamos nos separado anos atrás.

Em um movimento gracioso, como que sem esforço, único de pessoas que conhecem o mar e já passaram por inúmeras situações ali, ela colocou uma mão no brandal e saltou por cima do guarda-mancebo, embarcando no veleiro suavemente, um pé atrás do outro, enquanto seus olhos, como uma mola, absorviam o movimento de subida e descida causado pelas marolas produzidas pelo casco da lancha.

Estabilizada, ela me olhou e sorriu. Veio em minha direção com movimentos que acompanhavam o do veleiro. Parecia uma modelo segura em uma passarela. Ao chegar perto, assumiu o leme e contou que viera para Ubatuba correndo, pois eu não respondia ao celular desde o dia em que viajei, o que a deixara preocupada comigo. Então, me abraçou. Um abraço apertado e carinhoso.

O veleiro continuou seu rumo sem mesmo balançar.

Olhei no rosto de Julia e disse: “Me desculpe”. Ela olhou avante para conferir o rumo do veleiro e disse: “Não tem importância, depois você me conta o que aconteceu. Você está bem?”

“Não, não estou pedindo desculpas pelo que aconteceu hoje... Peço desculpas pelo que aconteceu há alguns anos atrás, quando você terminou o namoro comigo.”

Ela se virou na minha direção, seu rosto perto do meu, me olhou nos olhos e, nesse momento, pude ver que seus olhos, entre um piscar e outro, ficaram vermelhos, e uma lágrima apareceu.

Então ela disse, serena e sincera: “Isso realmente não tem importância. Já te perdoei há muito tempo!”... E nos beijamos.

Capítulo 16

Após o beijo, ela abriu um sorriso e me deu outro abraço apertado.

Então, sentou no banco, olhou para o painel do motor e me disse: “Estamos sem bateria”. Acho que ela nem percebeu que fiquei vermelho. Também não disse nada sobre a bateria, apenas pude ouvir em tom de comando: “Então vamos velejar.”

Ela me pediu para assumir novamente a roda do leme e manter o rumo. Então, abriu o zíper no topo da capa que envolvia a vela na retranca para liberar a vela mestra. Pulou até a gaiuta de entrada e disse que iria pegar a adriça da mestra para podermos subir esta vela e voltar com maior facilidade para a poita, orçando o veleiro contra o vento.

Em segundos, já estava no pé do mastro, com a adriça amarela que eu vira no boxe do chuveiro, e já amarrando sua ponta à de um cabo guia, muito mais fino, branco, para içar a adriça ao tope do mastro, substituindo o cabo guia.

Uma ponta subiu, entrou pela lateral do mastro por uma ranhura e saiu pelo topo do mastro, chegando até o deck. A ponta que havia subido ela amarrou em um cunho na lateral do mastro. A outra, que havia descido do topo do mastro, trouxe até sua mão, soltou o cabo guia, que foi jogado sem cerimônias para dentro da gaiuta e, de um pulo, colocou o pé em um suporte no mastro e se elevou, esticando a perna para ficar em pé, agarrada ao mastro, na altura certa para passar a ponta da adriça pelo olhal do tope da vela mestra.

Feito o nó, que parecia um rabo de porco, Julia pulou já com a mão alcançando a outra ponta da adriça no cunho e, num único movimento, desamarrou-a. Olhou para mim e disse para colocar o veleiro de frente para o vento. Percebendo que eu não sabia o que isso significava, ela pediu para eu virar a roda do leme para a direita até que ela mandasse parar.

Comecei a virar o leme e escutei os comandos de Julia: “A genoa vai panejar e fazer barulho, mas não se assuste. Preciso só que você fique aprofundado ao vento enquanto subo a mestra. Ok?” “Ok!”, gritei e comecei a virar a roda do leme para a direita.

A genoa realmente começou a bater e panejar, com um barulho enorme. Julia gritou por cima do barulho: “Mantenha o rumo!”, e começou a caçar a adriça, usando primeiro o peso do seu corpo e depois retraindo os braços até ficar agachada no deck. Então passou o cabo pela base do cunho e puxou a ponta solta para cima, esticando e travando momentaneamente a adriça no cunho e evitando assim que a vela abaixasse. Então, novamente de pé no deck, ergueu o máximo que pôde o braço que não segurava o cabo preso ao cunho, agarrando a adriça em sua posição mais alta e repetindo o movimento de deixar cair o corpo, retraindo os braços novamente e caçando a adriça que, uma vez tensionada, novamente foi levantada e travada ao cunho. Julia fez isso por umas oito vezes e, com a mestra no topo, amarrou definitivamente a adriça, dando duas voltas cruzadas pelo cunho e uma cruzada invertida para travar a adriça.

O resto de adriça que estava solta no deck foi imediatamente enrolada em círculo. Com uma mão segurando cada passagem do cabo e com a outra mão segurando o cabo na ponta dos dedos, ela começou a esticar e enrolar o cabo, seguindo a circunferência do círculo, até que todo o cabo que sobrara no deck estivesse enrolado. Fazendo um nó para fechar uma das extremidades

do círculo, colocou o olhal que se formou no cabo na ponta superior do cunho preso na lateral do mastro e o largou. Tudo organizado, agora, além da genoa, a vela mestra também batia, fazendo muito barulho e parecendo que tudo iria rasgar. Então Julia voltou ao cockpit e começou a caçar a escota da genoa.

Ao ver que a genoa já estava com o punho perto do guarda-mancebo e que a mestra mantinha sua posição quase centralizada, ela pegou a roda do leme de sua posição avante no cockpit e me pediu para soltá-la. Daquela posição, virou a roda do leme para a direita e, com o veleiro aderando para a esquerda quando o vento encheu as velas travadas em sua posição fechada em relação ao centro do veleiro, continuou a virar a roda para a direita, até que tudo parou de bater e o veleiro parece que se endireitou um pouco. Ficou ainda adernado, mas começava a avançar em direção à boca do canal entre a costa e a Ilha Anchieta, direção contrária ao mar aberto e das pedras da costa, que iam ficando à popa do outro lado.

Ela olhou para o topo da mestra, aliviou um pouco sua escota – o que fez a mestra se abrir um pouco, deixando de estar centralizada no veleiro –, e caçou o traveller para barlavento, a fim de acertar a abertura da valuma e melhorar o formato e o ângulo da vela. Julia caçou mais um pouco a genoa, girando a manicaca e, voltando para trás da roda do leme, onde eu me encontrava, disse, como que tentando se justificar pela imperfeição do shape das velas: “É o que dá para fazer sem ter caçado a mestra até o tope... O importante é que vai nos levar até a poita”.

Colocou então o pé na borda para acertar o ângulo do seu corpo e alterou um pouco o rumo do veleiro, que adernou e deu uma arrancada, como se alguém tivesse apertado o acelerador.

Vi sua face se iluminar e um sorriso tomar conta de seu rosto. Seus olhos, de repente, se abriram e pareciam brilhar. Enquanto isso, o vento puxava seu cabelo para trás, e vi quando ela fechou os olhos e inspirou profundamente, ainda sorrindo.

Ao abrir os olhos, apenas disse, como que para si mesma: “Já experimentou uma sensação mais gostosa do que esta?” Olhando a calma em seu rosto e sentindo o veleiro deslizar pela água, puxado por uma força que não conseguia ver, percebi a profundidade daquela pergunta e, ciente das emoções que estava sentindo, apenas respondi: “Nunca senti nada igual”.

A velejada foi maravilhosa, com o veleiro adernado em uma orça fechada e velejando rápido. Tivemos ainda de fazer mais uns quatro bordos até chegar perto da poita. Quando chegamos, com o pôr do sol pela popa, Julia colocou o veleiro com a proa rumando para a poita, e me pediu para soltar as escotas da mestra e da genoa. Ele continuou navegando em seu rumo, por inércia, e, ao se aproximar da poita, Julia pulou graciosamente de trás da roda do leme e, pegando o croque que já havia separado, foi calmamente andando até a proa para alçar o cabo da poita da água e prendê-lo no cunho.

As velas começaram a panejar e fazer barulho novamente, ao aproar o veleiro ao vento. Com o veleiro já preso ao cabo da poita, Julia retornou ao cockpit e começou a caçar o cabo do enrolador da genoa, ao mesmo tempo em que mantinha um pouco de tensão na escota, para que a genoa enrolasse direito. Terminada essa tarefa, baixou a alça do stopper, que travou o cabo do enrolador, não permitindo mais que a vela se abrisse, e caçou a adriça da genoa em volta da ca-traca, esticando-a e depois travando-a. Na sequência, foi em direção ao mastro e soltou a adriça da vela mestra, que praticamente “despencou organizadamente” dentro de sua capa na retranca.

Então, dando uma olhada ao redor do deck, procurando por alguma coisa que não estivesse como ela queria, sorriu novamente e disse: “Está safo”.

Capítulo 17

Após um jantar de macarrão à bolonhesa novamente sem queijo ralado, o melhor que já comi na vida, acompanhado de uma boa garrafa de vinho, fizemos amor no deck sob a luz das estrelas.

Não vou entrar em detalhes, mas posso afirmar de que achei a mulher da minha vida e ela, o homem da vida dela. Foi bom assim.

Então, deitados abraçados e ainda nus, com apenas um cobertor para nos proteger da brisa do mar, começamos a discutir o futuro.

Decidimos morar juntos. Eu assumiria o pagamento do aluguel do pai da Julia, pois não queria morar de favor. Ela continuaria na faculdade fazendo estágio e, talvez, iniciaria um emprego de meio período, se encontrasse um.

Eu continuaria no meu emprego, mas sem tentar ostentar o que não posso pagar. Ao contrário, iria, como dizia o autor na revista SailBrasil Magazine, “*viver de maneira mais simples, apreciando a vida. Mas, em vez de determinar com quão pouco podemos viver, queremos, a Julia e eu, identificar do que não queremos abrir mão para viver.*” ... Esse seria nosso objetivo de vida.

Epílogo

Depois daquele dia, mudei.

Comecei a conversar com as pessoas a minha volta. Não importa onde ou quando. Sempre puxo conversa. É incrível como, uma vez que percebem que você é sincero, que está abrindo seu co-

ração e que realmente está interessado nelas ou no que têm a dizer, as pessoas retribuem e se abrem com você. Não importa o assunto. As pessoas têm necessidade de ter alguém com quem conversar.

Nunca mais tocamos no assunto da nossa separação, pois já não era mais importante. O passado, uma vez que está realmente e definitivamente resolvido, não tem mais importância. Estávamos juntos e tínhamos todo um futuro pela frente. Isso era o importante.

Passamos a velejar sempre que possível, ou seja, praticamente todo final de semana.

Velejando, percebi que minhas preocupações, tensões e neuras simplesmente desapareceram.

Nunca mais tive sequer uma crise de ansiedade. Quando começo a ficar nervoso, saímos para velejar.

Para tentar explicar o que sinto, faço referência a outro artigo que li na edição número 1 da Sail-Brasil Magazine, intitulado “*Em vez de determinar com quão pouco podemos viver, identificamos do que não abrimos mão para viver*”:

“Hoje, adultos, não somos tão diferentes da criança que já fomos um dia. Se você vive em uma grande cidade, havendo passado os finais de semana da sua infância no litoral, é bem provável que continue migrando em direção à água, com sua família, para descansar. Se teve um veleiro na infância, espero que tenha um veleiro hoje – pois a vida é sempre melhor em um veleiro!”

Como quando éramos crianças, é perto da água que nos encontramos com amigos, onde facilmente fazemos outros e nos deleitamos em encontrar os antigos. Aí comemos, bebemos e nos divertimos juntos. É onde velejamos e, ao jogar ferro em uma baía ou mesmo amarrados na marina, ficamos preguiçosos. Nadamos sob o Sol e descansamos, exaustos, em alguma sombra... Seguimos, sem perceber, um ritual social que nos faz sentir bem, relaxados, orgulhosos pelo que temos e pelo que conseguimos em nossa vida.

Essas fugidas da vida urbana em direção ao mar são fáceis de entender. Se crescemos perto do mar, a grande maioria das nossas memórias e sensações de prazer estão lá: no ar quente e puro do mar, na água fresca, no cheiro da maresia... Sem perceber, relaxamos olhando o horizonte; nadar passa a ser um remédio para o corpo; meditamos sem planejar; e até a cerveja parece mais gostosa... Em um veleiro, então, podemos perceber que somos menos nervosos e mais prestativos, mesmo passando alguns dias naquele mundo restrito, rodeado pelo imenso quintal de água e pela natureza exuberante. As conversas ficam mais fáceis e as relações se fortalecem. Observando as estrelas deitados no deck, nos lembramos de quando éramos crianças. Então, sem nenhuma preocupação, felizes, vivemos o momento.

No veleiro, não nos preocupamos tanto com o que ou quando vamos comer, mas estamos sempre beliscando ou achando motivo para nos reunir em torno da comida e da bebida. Sem horários, sem rotina – apesar de que a rotina ainda existe, só que é diferente... Passamos a ler mais, prestamos mais atenção ao que está ao nosso redor, nos relacionamos melhor com as pessoas, nossos sentidos ficam mais apurados e reclamamos menos de detalhes insignificantes. Temos a sensação de que o mundo é melhor.

No veleiro, não nos incomoda tanto se o banho tem de ser rápido, se o fogão tem pouca chama ou se tudo está úmido e melado. Ou até um pouco sujo, com aparência de velho ou rangendo.

Nada nos incomoda muito, talvez porque aceitemos tudo isso com um sentimento de leveza e contentamento de estar vivendo, mesmo que por um instante, em um mundo onde tudo parece passar mais devagar... sem estresse, exigência ou crítica.

Amamos nossos veleiros também porque neles aceitamos que nossas vidas podem sempre ser mais devagar, com lazer, sem pressão... Desligados da rotina, aceitamos a liberdade de poder viver jogando baralho até às duas da manhã, dar um mergulho no meio da noite, nadar sob as estrelas, dormir ao relento e sobreviver de macarrão instantâneo e água morna.

É no veleiro que permitimos nos dar ao luxo, mesmo que por alguns dias, de viver de maneira mais simples, enquanto pausamos para apreciar a vida. Mas ‘em vez de determinar com quão pouco podemos viver, identificamos do que não abrimos mão para viver’... Então retornamos para nossa rotina, renovados e muito mais felizes.”

O pai de Julia nos deu o Soleone como presente de casamento.

Nele, velejar passou a ser nossa grande paixão, pois, usando as palavras do autor da revista, ele “é onde buscamos inspiração nesses momentos simples, momentos em que, perto da água, especialmente em um veleiro, nos tornamos seres humanos mais felizes.”

Bons ventos!

FIM

Sobre o autor:



Maximilian Immo Orm Gorissen

Max Gorissen, como é conhecido, veleja desde os 17 anos.

Administrador de empresas e sempre envolvido profissionalmente com o setor de tecnologia, especializou-se em ajudar a criar estratégias de negócios inovadoras para empresas interessadas em explorar novas formas de competir em um mercado transformado pela tecnologia.

Apaixonado por vela e veleiros, criou em 2008 o portal SailBrasil.com.br para oferecer conteúdo sobre esse assunto. O site imediatamente virou referência, tanto para o mercado náutico quanto para o pessoal da vela, que encontrou em suas páginas uma maneira de se informar, por meio de entrevistas, colunas, destaques, comentários, opiniões, relatórios e notícias relevantes para a comunidade da vela.

Em 2017, complementando o portal, começou a editar a revista semestral *SailBrasil Magazine*, que disponibiliza gratuitamente no portal, como uma maneira de contribuir para a vela brasileira. Após 10 anos, a revista acaba de substituir o conteúdo do portal.

Morando em São Paulo, Max pode ser encontrado nos finais de semana velejando com a família pela costa paulista em seu veleiro Gaia 1.

Coordenadas geográficas (aproximadas) dos locais mencionados no texto:

UBATUBA - São Paulo:

Pier Saco da Ribeira: 23° 30.140'S e 45° 7.337'W

Prainha da Ribeira: 23° 30.410'S e 45° 6.796'W

Praia do Flamengo: 23° 30.754'S e 45° 6.536'W

Praia das Sete Fontes: 23° 31.163'S e 45° 6.885'W

Ilha do Mar Virado - ponta oeste: 23° 33.572'S e 45° 9.409'W

Ilhota de Fora: 23° 33.482'S e 45° 9.112'W

Ilhota de Dentro: 23° 32.920'S e 45° 9.312'W

Laje Perdida: 23° 32.689'S e 45° 9.012'W

Norte da Ponta Grande: 23° 31.565'S e 45° 6.781'W

Ilhota do Sul (na extremidade da Ilha Anchieta): 23° 33.828'S e 45° 4.745'W

Glossário de termos náuticos:

Esta narrativa envolve barcos a vela (veleiros). Por isso, parece-me útil explicar alguns termos náuticos encontrados neste livro para que, mesmo que não tenha familiaridade com navegação, possa entender tudo o que se passa. Em ordem alfabética:

A

Adernado: É quando a embarcação está inclinada (com banda).

Adernar: Ato ou efeito de inclinar uma embarcação para um dos seus bordos, ficando um lado submerso.

Adriça: Cabo que é usado nos barcos com a função de içar velas, galhardetes ou vergas nos mastros.

Amarra ou cabo de ancora: Cadeia de elos especiais com ou sem malhetes (nos navios pequenos pode-se usar corrente ou cabo de arame). Tem a função de aguentar a força de fundeio da âncora nos fundeadouros.

Âncora: Peça de ferro forjado, ligada à embarcação através de cabo ou corrente, que, lançada ao fundo da água, mantém a mesma parada.

B

Back-stay: Cabo de sustentação do mastro a ré (popa) da embarcação.

Barlavento: O lado de onde o vento sopra ou o bordo da embarcação atingido por ele.

Boreste: Parte direita da embarcação, a partir de seu plano diametral, supondo o observador de costas para a popa, olhando para a proa. O boreste é designado pela abreviatura BE.

Bordo: São os lados da embarcação. As partes simétricas em que se divide um casco pelo plano diametral. A parte à direita chamamos (BE) boreste (no português de Portugal é estibordo), a parte à esquerda chamamos (BB) bombordo.

Botes: São pequenos Escaleres, a remo ou a vela, utilizadas como equipamentos salva-vidas e para serviços leves no porto.

Brandal: Cabo de aço estendido lateralmente até o topo do mastro, que impede o seu movimento para os lados.

C

Cabo: 1). Corda grossa, utilizada nas embarcações. 2) Direção da proa do navio em movimento.

Caçar: Ato de puxar a escota de uma vela, no senti do de melhorar sua exposição ao vento.

Catraca: Um dispositivo mecânico ou elétrico usado para aumentar a capacidade de puxar um cabo.

Cockpit: Espaço na parte de trás da embarcação, normalmente de pequeno porte, onde se localizam os seus comandos.

Convés/ Deck: Pavimento da embarcação. Sem qualquer referência se refere ao convés principal que é o primeiro pavimento contínuo de proa a popa, junto à borda do casco, descoberto total ou parcialmente.

Costado: Invólucro do casco acima da linha d'água.

Croque: Espécie de gancho de metal, ferro ou latão manipulado por meio de um cabo de madeira, que mantém a sua flutuabilidade, impedindo-o de afundar. Destina-se a auxiliar as manobras

de atracação e largada.

Cunho: Peça de metal em forma de bigorna que se fixa nas amuradas do navio, nos turcos, ou nos lugares por onde possam passar os cabos de laborar, para dar-se a volta neles.

D

Defensas: São proteções das embarcações, dispostas ao longo do casco nos pontos mais salientes deste, de modo a impedir que ocorram danos ao mesmo e à sua pintura quando a embarcação estiver atracado.

E

Embarcar: Ato ou ação de carregar, a bordo de navio ou de embarcação. Diz-se quando o soldado ou marinheiro dirige-se para bordo de sua embarcação.

Embarque: Ato ou efeito de embarcar, local onde se embarca.

Enrolador da genoa: Equipamento usado para se enrolar a vela Genoa.

Escota: Cabo que regula o ângulo da vela em relação ao vento. Serve para caçar ou afrouxar as velas.

Estai: Cabo de sustentação do mastro. Os estais de vante e ré amarram o mastro à proa e à popa (back-stay).

G

Gaiuta: Armação construída em madeira ou metal, com que se cobrem as escotilhas destinadas a entrada de ar e luz para o interior da embarcação.

Gato: Gancho de metal preso na extremidade do cabo ou corrente.

Genoa: Vela de proa maior que um estai.

Guarda-Mancebo: Cada um dos cabos que servem de corrimão.

Guincho: Aparelho constituído por um ou dois tambores, ligados a um eixo horizontal acionado por motor elétrico ou manualmente, destinado a içar espias, movimentar aparelhos de carga.

M

Macerador: Triturador de uma privada elétrica.

Manicaca: Alavanca de força para usar em uma catraca.

Mastro: Peça de madeira ou metal, de seção circular, colocada no plano diametral, em direção vertical ou um pouco inclinada para a ré, que se arvora os veleiros. Serve para que nele sejam envergadas as velas (nos navios de propulsão a vela) ou para aguentar as vergas, antenas, paus de carga, luzes indicadoras de posição ou de marcha, além de diversos outros acessórios (nas embarcações de propulsão a motor).

Mestra: 1) Diz-se de duas das principais velas dos navios, a grande e a gávea. 2) Diz-se, também, da baliza que indica onde é maior a seção transversal do navio.

O

Orçar: Girar a proa na direção do vento.

P

Poita: Boia por onde se passam cabos para amarrar uma embarcação. Geralmente está amarrada a um cabo que está fincado no solo do mar.

Popa: A parte de trás do veleiro (ré).

Proa: A parte da frente do veleiro (vante).

Q

Quilha: Peça disposta em todo o comprimento do casco no plano diametral e na parte mais baixa do navio: constitui a “espinha dorsal” e é a parte mais importante do navio, a que suporta os maiores esforços.

R

A **Ré:** Expressão usada para definir toda e qualquer coisa que se situe na região de popa da embarcação.

Retranca: Verga de madeira ou metálica onde está presa a parte inferior de uma vela.

Roda do leme: A roda de leme é uma roda de madeira ou de metal, montada num eixo horizontal situado no plano diametral do navio. Em seu contorno exterior há usualmente vários punhos chamados malaguetas, por meio das quais os timoneiros lhe imprimem o movimento de rotação. O mesmo que timão.

S

Sotavento: O ponto ou bordo do navio para onde sopra o vento. O lado oposto ao de barlavento.

Stopper (mordedor): Aparelho fixado no convés e colocado na linha de trabalho da amarra. Tem por fim aguentar ou sustentar a amarra.

T

Traveller: Carro que desliza sobre um trilho por onde se ajusta a posição da retranca da vela mestra.

V

Valuma: Abertura do tope da vela mestra.

Vante: Parte dianteira da embarcação (proa).

Vento de través: Quando sua direção forma um ângulo de 90° com a quilha.

